

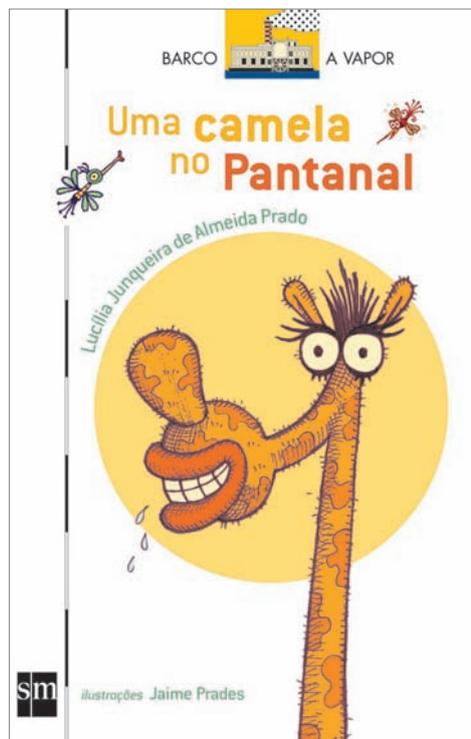
Uma camela no Pantanal

Lucília Junqueira de Almeida Prado

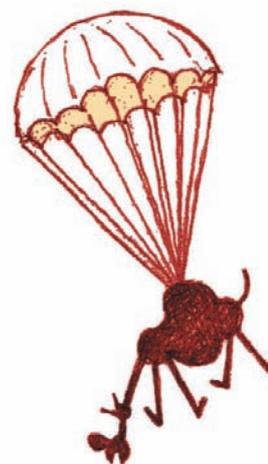
Temas Comportamento; Respeito pelas diferenças;
Solidariedade; Convivência



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Branca nº 13
64 páginas



O LIVRO Este livro parte de um acontecimento extraordinário: uma camela, animal típico do deserto, aparece no Pantanal. A estranheza causada pela chegada da protagonista nesse paraíso natural é potencializada pela sua personalidade arredia: trapalhona, mal-humorada e, ainda por cima, grávida, ela recusa-se a se relacionar com os animais nativos. A autora sabe extrair beleza e interesse desses contrastes entre familiaridade e surpresa, entre verdade e imaginação. Além de explorar a riqueza e a importância do meio ambiente, a narrativa mostra situações dramáticas que apontam para a importância da solidariedade, do acolhimento das diferenças e da consideração pelos outros, sem perder o tom de fantasia e diversão que fazem do livro uma grande aventura.

A AUTORA Lucília Junqueira de Almeida Prado nasceu em São Paulo, capital, em 1924. Começou a escrever desde cedo, tornando-se bastante lida por crianças e jovens. Ganhou prêmios, entre eles o Jabuti, em 1971, com o romance *Uma rua como aquela*, e o Pen Club de São Paulo por toda a obra, em 1988. Suas histórias têm forte presença da natureza, como acontece nesta fábula. Com mais de 70 livros publicados e reeditados, Lucília continua investindo em sua produção literária.

O ILUSTRADOR Jaime Prades nasceu em Madri, Espanha, em 1958, mas mora no Brasil desde 1971. Autodidata, o artista plástico é referência da arte de rua paulistana desde seu trabalho com o grupo Tupinãodá, na década de 1980. Este é o primeiro livro infantil que ele ilustra.



Mergulhando na temática

CAMELA

Feminino de camelo, designação comum aos mamíferos artiodátilos (com número ímpar de dedos) do gênero *Camelus*, de duas espécies: o dromedário (*Camelus dromedarius*), de uma corcova, e o camelo bactriano (*Camelus bactrianus*), de duas corcovas. Ambos são nativos de áreas desérticas da Ásia e do Norte da África. São herbívoros e podem tomar cerca de 120 litros de água de uma só vez. À mesma família *Camelidae* pertencem quatro representantes sul-americanos: a lhama, a alpaca, o guanaco e a vicunha.

Fonte: www.wikipedia.org.

PANTANAL

A Unesco reconheceu o Pantanal matogrossense como uma das mais exuberantes e diversificadas reservas naturais do mundo, integrando-o ao acervo dos patrimônios da humanidade. Localizado na região Centro-oeste do Brasil, bem no interior da América do Sul, o Pantanal é a maior extensão de terra alagada contínua do planeta. Hidrograficamente, faz parte da bacia do rio Paraguai. O período das cheias justifica a lenda sobre sua origem: um imenso mar continental — o mar de Xaraés. O clima é quente no verão, com temperatura média em torno de 32°C, e frio e seco no inverno, com média em torno de 21°C, com geadas ocasionais nos meses de julho e agosto. Fatores como relevo, clima e regime hidrográfico favoreceram o desenvolvimento de numerosas espécies animais e vegetais.

INTERPRETANDO O TEXTO

APRENDER COM A DIFERENÇA E A ADVERSIDADE

Sem explicitar ao leitor como isto acontece de fato, a autora narra a história de uma **camela** grávida, que aparece em pleno **Pantanal**. Ao apresentar possíveis explicações para a chegada do animal, a autora sugere ao leitor, logo de início, que são muitos os caminhos de interpretação e que a leitura é um ato pessoal, único, e depende do repertório e das experiências anteriores de cada leitor. O texto faz isso de maneira muito hábil, por meio da participação dos personagens: os animais do Pantanal discutem a chegada da camela e aventam possibilidades sobre o acontecimento (p. 5).

Ao urubu ocorre que a camela pode ter sido “**abduzida**” por um disco voador e, depois, deixada no Pantanal por ser muito fedida (p. 8 a p. 10). A idéia, apesar de extravagante, é plausível, já que, no mundo da ficção, os acontecimentos mais fantásticos podem ocorrer, e também não está provado que discos voadores não existem. O urubu, porém, era um mentiroso...

As descrições do clima do Pantanal, em suas diferentes estações — inverno e verão, cheia e vazante dos rios —, tornam o texto poético e, ao mesmo tempo, informativo, despertando no leitor curiosidade sobre as características dos animais que lá habitam. Nesse cenário, a camela aos poucos se destaca no papel de “estrangeira”. Aparece também seu temperamento difícil. Intrigado, o leitor se pergunta: como uma personagem principal pode ser chata e perversa? Essa inversão de papéis — uma protagonista que não desperta empatia de imediato —, apesar de desconcertar o leitor, faz com que a história fique diferente e divertida.

*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.

ABDUZIR

Os dicionários *Houaiss* e *Aurélio* registram que “abdução” é o ato de afastar, retirar, separar. Em *Uma camela no Pantanal*, porém, o termo “abduzir” é empregado em seu sentido mais corrente. Supor que a camela foi abduzida por extraterrestres significa que os ETs podem ter raptado a personagem, levando-a da Terra. Os ufólogos, as pessoas que investigam a existência de UFOs (*unidentified flying objects* na sigla em inglês: “objetos voadores não-identificados”), usam esse verbo para explicar como uma pessoa ou um objeto pode sumir da Terra.

INFERÊNCIA

Inferência é uma estratégia de conhecimento e raciocínio que permite ao leitor deduzir algo, chegar a certa conclusão por si mesmo a partir de informações dadas pelo texto.

Para concluir, o leitor recorre a seus conhecimentos prévios.

Há momentos no livro que o leitor precisa inferir para compreender o que acontece ou o que os personagens querem dizer. Por exemplo, quando a anta observa que o mundo cresceu, o leitor deve recorrer a seu conhecimento de que, na época da vazante, a terra parece ficar maior, pois a água que a cobria secou (p. 45 e 46). O mesmo acontece no final da história: a partir da sugestão do texto, o leitor infere que a camela se arrependeu de ter agido mal com a anta.



As ilustrações alegres e coloridas de Jaime Prades contribuem para o caráter surpreendente do texto. As imagens contrabalançam o temperamento arredio e a arrogância da camela, que também é uma grande trapalhona — e, sem dúvida, a maior vítima de seu mau humor.

À medida que a história avança, as atitudes da camela só fazem piorar: quando seu camelinho nasce, ela dispensa todas as visitas; não dá a menor confiança para o filhote, que não sabe nada da vida; provoca os animais, como a jaguatirica (que também é chamada de onça por ela) e as araras; desrespeita a maioria, como faz com a anta e o jacaré. Sua desconsideração pelos outros acaba por colocá-la em enrascadas: ela confunde uma casa de marimbondos com uma jaca e a devora; bebe água no rio e é mordida por piranhas.

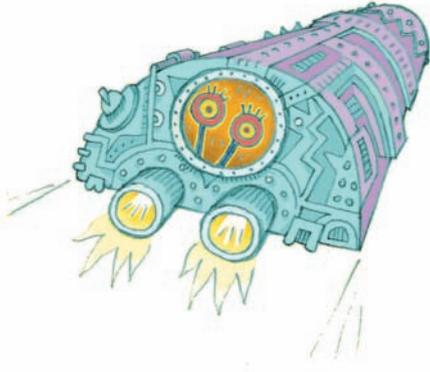
Nos momentos em que precisa, porém, são os animais nativos que a ajudam. Mas nem assim ela pensa em ser gentil ou educada e agradecer. Conviver com outros animais? Nem pensar! Seu horror pelo Pantanal é tão grande que o próprio filhote não entende porque ele gosta tanto do lugar que sua mãe odeia. Porém, em certo momento da narrativa, a camela afinal se “humaniza”: ela lembra do deserto e explica ao camelinho que a gente sempre ama o lugar em que nasce.

E assim vai a camela história afora, até que acontece algo inesperado. O filhote corre perigo. Covarde, ela fica sem ação e se desespera. E, mais uma vez, aparece quem a ajude. Depois do susto, ela repensa seu comportamento. Aqui, é a autora quem conduz o leitor, levando-o a **inferir** as desculpas da camela e a imaginar suas atitudes futuras.

O final do livro, sutil e inteligente, dá alguns recados ao leitor sobre respeito ao próximo, companheirismo e solidariedade. A camela arrepende-se de seu comportamento ao admitir que fez mal à anta. Esse desfecho aponta para o aprendizado da personagem, que assimilou a adversidade e o perigo como experiências transformadoras.

A RELAÇÃO ENTRE TEXTO E IMAGEM

Ao mesmo tempo poético e descritivo, o texto — de uma autora renomada, escrito de acordo com a norma culta — “conversa” bem com as ilustrações criativas e variadas de um ilustrador inédito: os personagens aparecem tanto em primeiro plano — caso da anta (p. 12 e 13) e da jaguatirica-mãe (p. 40) — como em perspectiva mais geral; em cores vivas e inusitadas, como verde limão, roxo e amarelo fosforescente; em figuras de traço caricatural e irônico.



Em algumas ilustrações, a aparência da camela se torna vulnerável, como quando é atacada por marimbondos (p. 30 e 31). Com isso, a personagem fica menos antipática para o leitor, pois se revela trapalhona e engraçada.

O ilustrador usa alguns “truques” divertidos para ajudar a contar a história. Nas cenas noturnas, colore os animais de azul escuro e seus olhos de amarelo, como na noite em que nasce o camelinho (p. 18, 19, 20 e 21). Na seqüência de salvamento do filhote, outro recurso gráfico se destaca: as cores da anta variam. Ela aparece em azul, amarelo e verde, para representar o esforço necessário na tarefa (p. 58, 60 e 62).

NORMA CULTA

O português falado no Brasil é rico e diversificado. O país é muito grande e foi constituído de diferentes tradições culturais e povos que falavam idiomas distintos — índios, negros, portugueses, imigrantes europeus, árabes, japoneses, chineses. A linguagem oral comporta diversos sotaques, gírias, modismos, expressões, entonações e varia de lugar para lugar com muita liberdade.

A escrita, por outro lado, tem regras e códigos. Ela obedece à norma culta, aquela que está registrada em dicionários e gramáticas, depois de ter sido consagrada historicamente pelo trabalho de escritores, gramáticos, professores, filólogos. Na linguagem escrita, costuma-se usar a norma culta, ainda que em textos artísticos, como a ficção e a poesia, as regras gramaticais possam ser subvertidas e reinventadas, contribuindo para a transformação da língua, que é algo vivo.

DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

A leitura do livro inicia-se antes do contato com o texto. Na sala de aula, o professor abre uma roda de conversa com os alunos, apresentando o tema do livro. O primeiro assunto pode ser o Pantanal. Depois, professor e alunos podem examinar o livro e sua ficha técnica e observar:

- Na capa — Quem é a autora? Quem é o ilustrador? São brasileiros? Qual é a editora? Qual é a edição? O livro faz parte de uma coleção?

- Na quarta-capa — A sinopse, que o professor poderá ler como recurso de antecipação do enredo.
- Na ficha catalográfica — Data e local da publicação.
- No miolo do livro — As ilustrações, os tipos de letras.

Feito isso, o professor pode dividir a classe em dois grupos: os alunos de um grupo devem fazer um desenho do Pantanal, com características físicas da região e alguns animais nativos; os do outro grupo devem desenhar um camelo em seu habitat natural, o deserto. Depois de expor os desenhos, o professor volta para o título *Uma camela no Pantanal* e estimula os alunos a imaginar como isso pode ter acontecido. Como será a camela? Como ela foi parar no Pantanal? Será que ela vai se dar bem ali? Essa atividade tem a função de acionar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto.

DURANTE A LEITURA

O Pantanal é um dos lugares mais bonitos do país. Muitos brasileiros conhecem a região, sua fauna e flora, se não *in loco*, por meio de documentários, informações e imagens veiculados na mídia. Isso já é um bom ponto de partida para a leitura e pode ajudar a despertar o interesse dos alunos. Se o professor incentivar a troca de informações no início, é possível promover duas leituras concomitantes, conforme preconizava **Paulo Freire**: a leitura do mundo e a leitura da palavra referida ao mundo.

O professor deve promover e favorecer a participação das crianças através de atividades em que elas usem estratégias de compreensão do texto. Sobre o fato de a camela ter aparecido sem mais nem menos no Pantanal, vale observar que não é imprescindível saber exatamente como ela chegou lá. Cada leitor escolhe o jeito que mais combina com ele. Afinal, a imaginação ajuda a construir um pouco do livro.

Outras perguntas que podem incentivar a participação dos alunos: o que o camelinho quis dizer com a afirmação “Mãe não é ecológica”? (p. 39); por que a capivara faz o comentário “Parece que nosso mundo cresceu!”? (p. 45); por que o porco-espinho comenta que já ouviu dizer que camelo tem pouca inteligência? (p. 48); por que a camela pesa novecentos quilos no começo da história (p. 5) e setecentos mais adiante? (p. 34). Essas questões servem para avaliar os conhecimentos que as crianças têm do assunto e promover a troca de informações e opiniões entre os elas.

DEPOIS DA LEITURA

A frase da camela, que encerra o livro, permite discutir o desfecho da história. O final é aberto, já que não se sabe exatamente o que vai acontecer depois. Mas o professor pode explicar aos



PAULO FREIRE

Paulo Freire (1921-1997) foi um dos maiores teóricos da educação no Brasil. Nos anos 1960, ele criou um método de alfabetização de adultos e desenvolveu um pensamento educacional conhecido como “pedagogia do oprimido”. Segundo ele, a leitura da palavra é precedida da compreensão da realidade. E aprender a ler e escrever, alfabetizar-se, é antes de tudo aprender a ler o mundo e entender o seu contexto. Sua proposta de educação combate a manipulação mecânica das palavras e propõe uma relação dinâmica entre linguagem e realidade.

Para saber mais:

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*.

São Paulo: Cortez, 2003.

alunos que, a partir dele, é possível inferir que a camela está se desculpando com a anta.

Depois de os alunos terem feito suas leituras pessoais, cada um terá em mente quais serão as próximas atitudes da camela. Estimular as crianças a pensar os possíveis desdobramentos é uma boa atividade: a camela mudou mesmo para melhor (ficou “boazinha”) após o susto? O fato de ter pedido desculpas à anta demonstra que ela se arrependeu do que fizera?

Também é interessante pedir aos alunos que escrevam, desenhem ou comentem em grupo suas opiniões. Ao retomar a roda de conversa, o professor pode mostrar a eles que cada história é também uma nova história e que a leitura é feita de muitos pontos de vista, opiniões e novas leituras.

ELABORAÇÃO DO GUIA MARTA PINTO FERRAZ
(PROFESSORA DE BIBLIOTECA, ESCOLA VERA CRUZ,
SÃO PAULO); PREPARAÇÃO BRUNO ZENI; REVISÃO
GISLAINE MARIA DA SILVA.

